

## Geopolítica do Pós-Crise

O ano de 2008 foi recheado de relevantes eventos geopolíticos: (i) insuficiência de recursos dos países desenvolvidos para bancar as doações de alimentos para países pobres, devido a alta das commodities, (ii) a retomada de regiões da Geórgia pela Rússia, (iii) manobras militares conjuntas de Rússia e Venezuela no Caribe, (iv) além do discurso inflamado na Assembléia Geral da ONU feito pelo presidente do Irã repleto de retórica anti-sionista e anti-yankee. O ano terminou com uma ofensiva israelense a Faixa de Gaza, lançada após a quebra do cessar fogo do grupo terrorista e controlador do território, que iniciou uma chuva de foguetes sobre civis ao sul de Israel.

O que mudou? A crise financeira mundial proporcionou uma queda de 73% do preço do petróleo de seu pico, levando (i) a Rússia a perder um terço de suas reservas acumuladas ao longo de 9 anos em apenas três meses, (ii) o valor de mercado das empresas russas de capital aberto a cair 70%, (iii) o Irã à beira de uma desvalorização cambial com prejuízo para o seu financiamento de atividades terroristas no estrangeiro, (iv) a Venezuela a uma situação de insolvência dinâmica. Segundo Tania Reif, economista do Citigroup em Nova Iorque, caso o preço do petróleo permaneça onde está e não haja um ajuste fiscal, a Venezuela viverá uma desvalorização cambial e uma forçosa redução dos favores chavistas em menos de 12 meses e (v) os países desenvolvidos voltaram a poder bancar doações de alimentos já que a queda do petróleo foi acompanhada pela queda de preços de commodities agrícolas.

Com essa crise, não só o eixo petroleiro perdeu poder. O fim do super-endividamento americano trouxe prejuízo para o modelo econômico das economias emergentes da Ásia. Cerca de 50% do PIB da Ásia emergente é exportado para o Oeste, que se endividava para alimentar o crescimento asiático. Boa parte dos lucros eram poupados por China, Cingapura, Coreia e reinvestidos em dívidas emitidas por indivíduos e empresas americanas. Na conjuntura atual, as empresas que vivem de exportações para o oeste valem menos, pois vendem menos. Portanto mais capital está sendo realocado da Ásia para o oeste, só que dessa vez para o porto seguro: Títulos do Tesouro Americano, que hoje toma dinheiro emprestado para 30 anos por uma taxa de 2,7% ao ano. Afinal, quem quer alocar capital para atividades de risco em contração? O cenário atual que descrevo é precisamente o contrário da derrocada do chamado império americano, trombeteada por ilustres historiadores. A conjuntura de hoje ilustra, na verdade como pode se dar a perpetuação da era da pax americana. Digo que toda a riqueza, luxúria e charme de sheiks e seus pares russos se transformam em pó sem a pujança americana operando ao seu favor. Digo que a Ásia ainda não encontrou um modelo, ou alcançou patamar que lhe deixe caminhar

com suas próprias pernas. Portanto ainda teremos muitos anos de preponderância americana, onde países como Brasil, México, Coréia e Cingapura que foram agraciados com uma troca de suas moedas nacionais por dólares americanos por razão estritamente política e que países como Egito e Israel que estão no topo da lista dos recebedores de ajuda financeira no orçamento americano continuarão contando com maiores facilidades, caso continuem atendendo os EUA. Já que o dólar continua sendo a reserva de valor mundial.

Gostaria de desejar um feliz 2009 a todos os meus leitores, um ano que começa após ficar claro que há instrumento para a perpetuação da pax americana por muitos e muitos anos. Afinal, poder é relativo e commodities não são fonte de poder permanente, pois são extremamente vulneráveis a inovação e a crises, conforme expliquei neste mesmo espaço, mês passado.

Igor Barenboim é PhD em Economia por Harvard e SubSecretário de Administração da Prefeitura do Rio de Janeiro